

O BRINCAR COMO EIXO
NORTEADOR DO TRABALHO
NA EDUCAÇÃO INFANTIL



Sabrina Plá Sandini e Marieli Zviezykoski

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



Apresentação

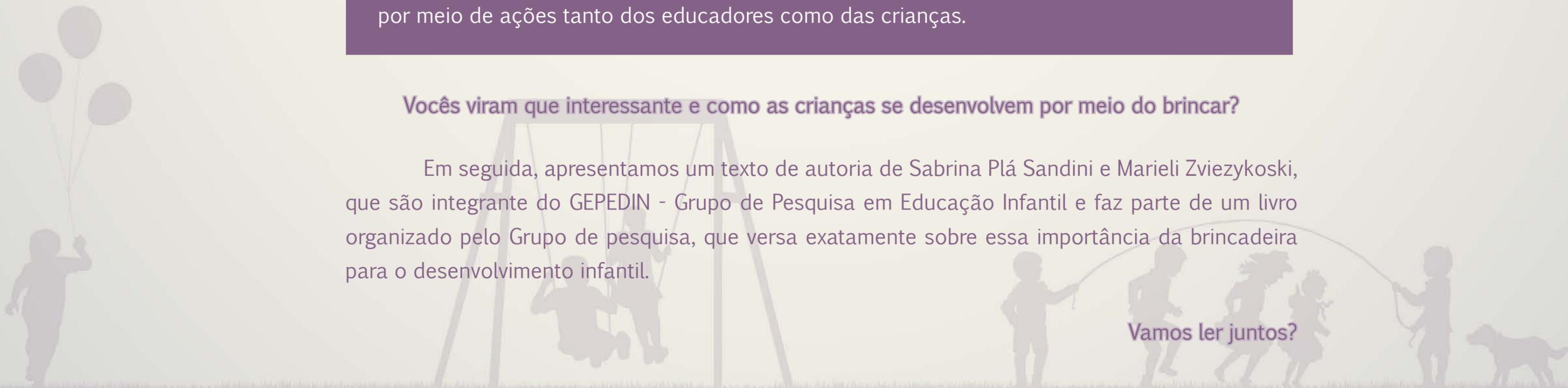
Esse material foi desenvolvido a partir do projeto de extensão oferecido pela professora Sabrina Plá Sandini, Vamos Brincar?: Multiplicação de conhecimentos para trabalhar na brinquedoteca no ano de 2015/2016, com o intuito de multiplicar os conhecimentos adquiridos por meio do curso Brinquedoteca e o Desenvolvimento das Pessoa com Deficiência, oferecido em parceria pela ABBRI- Associação Brasileira de Brinquedotecas e a Universidade da Rede APAE, aos estagiários que trabalham na Brinquedoteca e demais interessados, focando alunos de cursos de formação de professores, para que possam estar atuando nesses espaços e valorizando o BRINCAR

Para iniciar, vamos assistir um documentário que mostra a importância da ludicidade na Educação Infantil e refletir sobre a necessidade de considerar a brincadeira no desenvolvimento das crianças. A proposta deste documentário, inspirado no Projeto Brincar apresenta de maneira poética as possibilidades de produção da cultura infantil nas escolas, por meio de ações tanto dos educadores como das crianças.

Vocês viram que interessante e como as crianças se desenvolvem por meio do brincar?

Em seguida, apresentamos um texto de autoria de Sabrina Plá Sandini e Marieli Zviezykoski, que são integrante do GEPEDIN - Grupo de Pesquisa em Educação Infantil e faz parte de um livro organizado pelo Grupo de pesquisa, que versa exatamente sobre essa importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil.

Vamos ler juntos?





Quem não brinca não pode entender. Porque não importa a corrida, mas aquilo que acontece dentro da gente. Jogar cartas ou xadrez, por exemplo, o que é? É colocar pedaços de papel na mesa, ou deslocar pedaços de pau. E dançar o que é? É ficar girando em voltas. Só quem joga ou dança é que sabe.

Não se deve menosprezar a brincadeira, nem atrapalhá-la, nem interrompê-la bruscamente, nem impor uma companhia desagradável

(Janusz Korczak)



Introdução

O brincar é essencial na vida das crianças, é por meio dele que a criança se desenvolve e interage com os outros, aprende e descobre o mundo. Entretanto, essa importância dada à brincadeira é relativamente recente, pois está atrelada ao olhar moderno para com a infância, à valorização da criança como ser único e com características próprias, diferente dos adultos.

Na epígrafe passagem de Janusz Korczak, destacada acima, o autor ressalta que não devemos menosprezar o brincar, pois a brincadeira é ação principal da criança, uma atividade que merece atenção e respeito, garantindo o direito de brincar e seu desenvolvimento integral.

Partindo da premissa da importância do brincar para as crianças, buscamos nesse capítulo refletir sobre os impactos das ações lúdicas para o desenvolvimento infantil, com base escritos de Kishimoto (1999, 2004), Brougère (1997), Winnicott (1975), Teles (1997), Borba (2007), Bujes (2000), Wajskop (1995), dentre outros. Destacamos como a brincadeira, além de desempenhar um importante papel para a formação da identidade do sujeito, pode contribuir para os processos de socialização, pois está impregnada de cultura, fazendo com que a criança se aproprie dos diversos conhecimentos e sentidos do mundo.

Dando exemplos concretos, a professora Tisuko Morshida Kishimoto, da USP/SP, fala sobre a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil. Vamos conferir?



O que é, o que é? Brincar, brinquedos e jogos

Vamos começar esse item brincando?

Que tal acompanharmos o clip do grupo Trii?!

O que acharam? Foi divertido?

Se vocês que são adultos gostaram, imaginem as crianças....

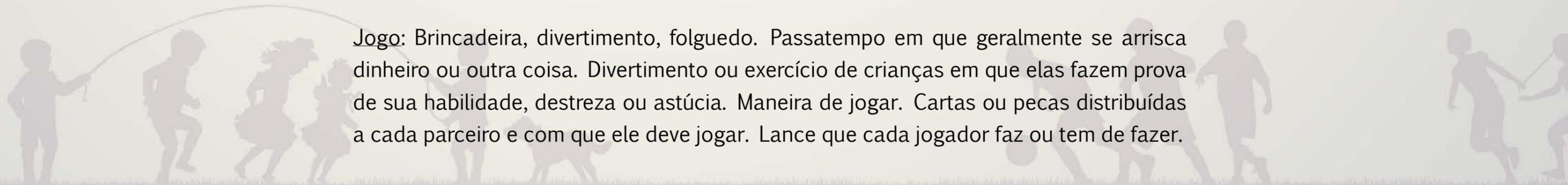
Os estudos de Kishimoto (1999, 2004) e Brougère (1997) explicitam que a brincadeira é a própria linguagem infantil, e por meio dela as crianças expressam seus sentimentos e emoções, fazendo uso da imaginação, ampliando o convívio social e a exploração dos brinquedos e objetos, fazendo uma leitura de mundo e estruturando seu pensamento.

De acordo com dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2002) brincar, brinquedo e jogo são assim definidos:

Brincar: divertir-se, entreter-se, folgar, curtir. Não levar as coisas a sério. Zombar. Divertir-se representando um papel de. Divertir-se fingindo qualquer atividade.

Brinquedo: objeto feito para divertimento de crianças. Divertimento entre crianças, brincadeira. Reunião em que há jogos de criança.

Jogo: Brincadeira, divertimento, folguedo. Passatempo em que geralmente se arrisca dinheiro ou outra coisa. Divertimento ou exercício de crianças em que elas fazem prova de sua habilidade, destreza ou astúcia. Maneira de jogar. Cartas ou peças distribuídas a cada parceiro e com que ele deve jogar. Lance que cada jogador faz ou tem de fazer.



Muito mais que conceitos, brincar, brinquedos e jogos fazem parte do imaginário infantil, e assumem diferentes significados dependendo da maneira como são empregados, como acontecem. Uma vez que nas ações das crianças muitas vezes eles aparecem entrelaçados, mais importante do que os definir é procurar compreender suas contribuições ao desenvolvimento das crianças e a forma que assume a cultura lúdica para as crianças.

Para Winnicott (1975) a brincadeira é universal e é própria da saúde, pois brincar facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, sendo também uma forma de comunicação. Assim, correr, saltar, alegrar-se, sozinho ou com seus pares, desafia as crianças a superarem problemas, resolverem conflitos, proporcionando envolvimento.

Brougère (1998) lembra que nas brincadeiras as crianças podem atribuir usos não habituais para objetos conhecidos, configurando uma associação entre ação e ficção, não se limitando ao que é feito, mas considerando as intencionalidades de porque o faz de determinada forma.

Teles (1997) define as brincadeiras de acordo com o grau de envolvimento das crianças, podendo ser solitária, com ou sem objetos, e também em parceria:

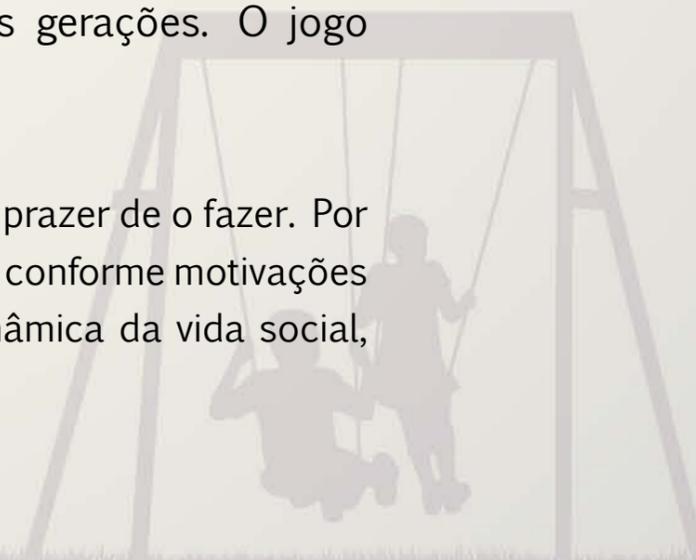
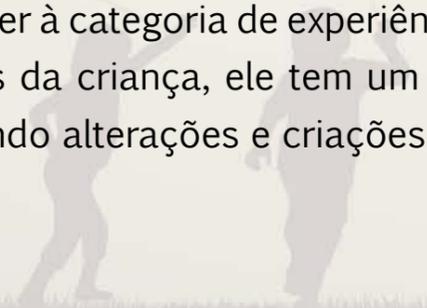
- ★ Brincadeira funcional: predomina no bebê - é o prazer de observar os próprios movimentos;
- ★ Brincadeira imaginativa: a criança incute significados às ações;
- ★ Brincadeira construtiva: é relacionada à alegria de realizar algo;
- ★ Brincadeira solitária: a criança brinca sozinha;
- ★ Brincadeira observativa: a criança observa os outros brincando;
- ★ Brincadeira paralela: a criança brinca do lado de outra criança que está brincando;
- ★ Brincadeira associativa: a criança brinca junto com outra em cooperação a fim de atingirem juntas, um objetivo.

Kishimoto (1999, p.21) apresenta importante distinção entre brincadeira, brinquedo e jogo. Ela aponta que a brincadeira “[...] é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação”. O brinquedo, como objeto, serviria de suporte à brincadeira e não tem caráter de jogo, pois a criança pode criar suas regras e utilizar o brinquedo com intenções diferentes. Ainda segundo a autora, o jogo depende da linguagem de cada contexto social, e assim cada sociedade lhe atribui um sentido de acordo com sua cultura e vivências. Nesse sentido, uma primeira compreensão do jogo seria possível a partir dos significados atribuídos por diferentes culturas, pelas regras que os diferenciam e pelos objetos que os caracterizam.

Brougère (1997) diferencia o jogo do brinquedo destacando que o primeiro pressupõe o uso de regras ou princípios de construção, associa valor simbólico e função, podendo ser utilizado tanto por crianças como por adultos; já o brinquedo é destinado às crianças, sendo geralmente livre de regras para ser manuseado pelos pequenos.

Entre os jogos, podemos destacar os jogos tradicionais infantis, que na visão de Kishimoto (2004) tem grande importância, pois estão associados à cultura popular de um povo, contribuindo para a perpetuação da cultura infantil e o desenvolvimento de formas de convivência social. Comumente, o jogo é transmitido de forma oral e por isso ao mesmo tempo que algumas características originais são preservadas, novos elementos podem ser incorporados pelas diferentes gerações. O jogo tradicional infantil segundo Kishimoto (2004, p.16),

[...] é um tipo de jogo livre, espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de o fazer. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, ele tem um fim em si mesmo e preenche a dinâmica da vida social, permitindo alterações e criações de novos jogos.



A autora acrescenta que no Brasil os jogos estão associados ao folclore, como por exemplo, bolinha de gude, empinar pipa, brincar de pião, cama de gato, amarelinha, entre outros.

Kishimoto (1999) também se refere ao brinquedo, como outro elemento indispensável para compreender as relações da criança com o brincar. Para ela, o brinquedo está intimamente relacionado com a criança, sendo que seu uso não é regido por regras, podendo estimular a representação e expressão de elementos presentes na realidade.

Complementando, Brougère (1997) conceitua o brinquedo como um objeto portador de significados, remetendo aos elementos reais e imaginários da criança, portanto com um forte valor da cultura em que está inserido. Assim, por meio do brinquedo podemos compreender aspectos sociais e culturais de um povo. Para o autor, a brincadeira é a forma com que a criança interpreta os significados contidos no brinquedo e atribui novos de acordo com seus interesses e necessidades lúdicas.

Concordamos com Teles (1997) quando ressalta a importância da brincadeira, dos brinquedos e dos jogos para o desenvolvimento de processos psíquicos e conhecimento do mundo físico das crianças. O autor afirma que por meio das ações das crianças com seus brinquedos elas são capazes de compreender os diferentes modos de comportamento humano, os papéis que ocupam na sociedade, seus hábitos culturais sendo, portanto, indispensável que a criança tenha espaço para brincar, objetos para manipular, e tempo suficiente para que as brincadeiras surjam, se desenvolvam e se encerrem.

Esse entendimento vai ao encontro da perspectiva de Vygotsky (2007), a qual compreende que a criança é um sujeito histórico e social, que aprende por meio da sua interação com o mundo e com os sujeitos.



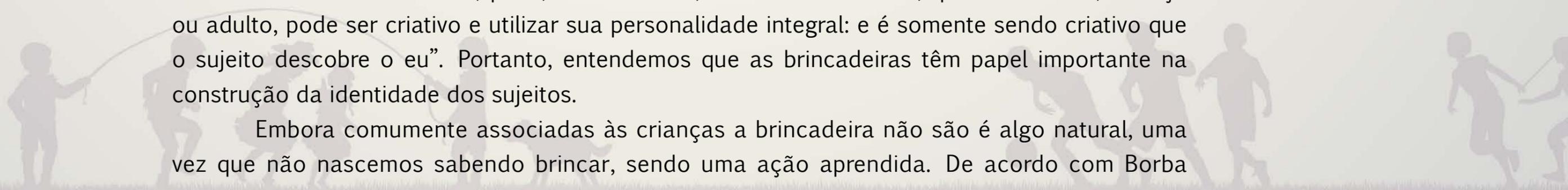
Disponibilizamos aqui, várias opções de sites que trazem opções de brincadeiras

O desenvolvimento infantil e o brincar: algumas considerações

Atualmente muito se tem falado sobre a importância do brincar para o desenvolvimento pleno da criança. Brougère (1998) esclarece que a escola de pensamento romântico inaugurada por Jean Paul Richter e E.T.A. Hoffmann vê o brincar como um espaço de criação cultural por excelência, ou seja, o espaço lúdico permite ao indivíduo criar e compreender a cultura e, portanto, brincando os indivíduos se mostram criativos. Para o autor, brincar não é somente uma dinâmica interna do sujeito, mas é dotada de significação social, e por isso necessita de aprendizagem.

Para Winnicott (1975, p.80), “É no brincar, somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o sujeito descobre o eu”. Portanto, entendemos que as brincadeiras têm papel importante na construção da identidade dos sujeitos.

Embora comumente associadas às crianças a brincadeira não são algo natural, uma vez que não nascemos sabendo brincar, sendo uma ação aprendida. De acordo com Borba



(2007), a criança aprende desde cedo, ao estabelecer relações sociais com os sujeitos e com os elementos da cultura.

Ao reconhecer o impacto das relações sociais e culturais na configuração da cultura do brincar, nos remetemos à importância da mediação nessa apropriação dos objetos e seus usos. Assim, quando a criança tem um ambiente que oferece boas condições de vida e educação, tende a desenvolver-se de forma mais intensa, em seus aspectos físicos e psíquicos, mediada pelas relações sociais que fazem parte de seu cotidiano. Nesse processo vão se formando a memória, a imaginação, os valores, os sentimentos e a personalidade e desenvolvem-se a criatividade e suas potencialidades (BARROS, 2009).

Cabe registrar que na atualidade a relação das crianças com os brinquedos é construída, em grande medida, pela publicidade empreendida pelas grandes corporações produtoras de artefatos infantis. Assim, principalmente por meio da mídia televisiva, uma enorme quantidade de objetos é apresentada ininterruptamente às crianças, esboçando contextos, indicando possibilidades de ação, construindo desejos no consumidor em potencial, a criança. Isso evidencia que a cultura do brincar não está isenta dos interesses do lucro, devendo essas investidas serem analisadas cuidadosamente pelos pais e adultos formadores.

Considerando essas questões e as possibilidades positivas decorrentes da relação entre crianças e brincar, como assegurar que esse direito seja respeitado, como estruturar contextos de brincadeira para as crianças?

Como já mencionamos, os estudos de Vygotsky (2007) permitem compreender o quão importante é a brincadeira, pois por meio dela a criança vai estruturando seu pensamento, que serve de base para as futuras aquisições. Em contextos que evidenciam experiências centradas na antecipação de processos de escolarização das crianças o brincar aparece de forma marginalizada, sendo muito mais valorizado o foco das grandes empresas do que o do campo educacional.

Em nome de um futuro promissor, muitas instituições de educação infantil concentram suas ações em atividades voltadas para a aquisição da leitura e escrita, relegando ao brincar

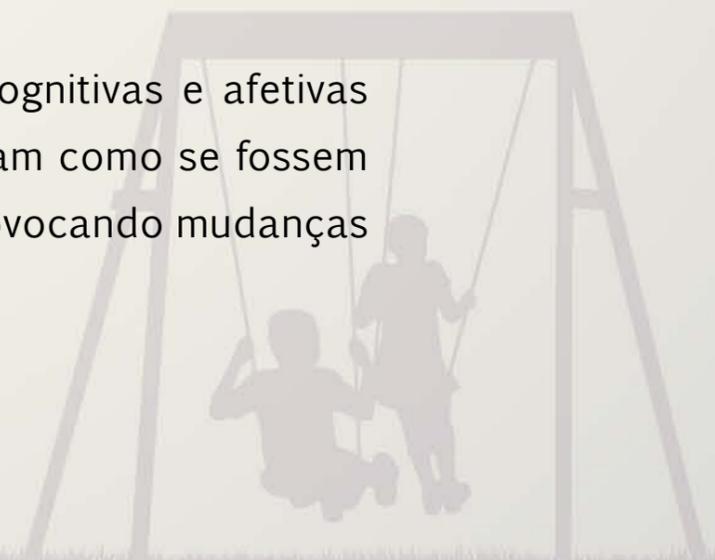
um lugar secundarizado, geralmente como passatempo ou com fins instrucionais, para ensinar determinados conteúdos.

Borba (2007) registra que a brincadeira está, na maioria das vezes, associada a tempo perdido, pois existe uma ideia de que brincar se opõe ao trabalho e não gera resultados produtivos. Essa compreensão tem restringido cada vez mais os tempos e espaços de brincar, e com o avanço dos anos escolares as brincadeiras vão se restringindo apenas para a hora do recreio. Na sala de aula, as crianças não podem correr, pular, seus movimentos são controlados, pois estão associados à bagunça. Na escola da imobilidade, não há espaço para o brinquedo, as brincadeiras e o jogo.

Bujes (2000) aponta que em muitas creches o brinquedo é visto como um elemento que desorganiza a rotina da sala de aula, afetando as normas de conduta, sendo usual que as crianças tenham um dia apenas, estabelecido pela instituição, para levar seus brinquedos. A partir dessa concepção, a escola tende a atribuir funções úteis para o brinquedo, utilizados com fins pedagógicos.

Barros (2009) declara que essa concepção de criança está impregnada por uma visão reducionista, caracterizada por um sistema político capitalista e segregacionista, no qual a brincadeira não é vista como atividade prioritária para o desenvolvimento infantil, uma vez que existe uma preocupação maior com a aprendizagem de conteúdos. Assim, os jogos e as brincadeiras não têm sido manipulados de forma espontânea pelas crianças, mas quando aparecem estão ligados a fins didáticos, que antecipam a escolarização.

Wajskop (1995) reforça que a brincadeira traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas para o desenvolvimento infantil, pois muitas vezes as crianças se comportam como se fossem maiores do que realmente são, antecipam ações, fazem uso da imitação, provocando mudanças no nível da consciência.



Vai começar a brincadeira: o direito de brincar na educação infantil

Como vimos, a brincadeira é a própria linguagem infantil, pois por meio dela as crianças expressam seus sentimentos e emoções, usam a imaginação, convivem entre si e interagem com as coisas do mundo. Além da vasta literatura que apresenta e discute os pontos positivos do brincar para o desenvolvimento infantil, uma série de documentos e legislações buscam garantir e reafirmar esse direito infantil.

Do ponto de vista educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) determinando que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras.

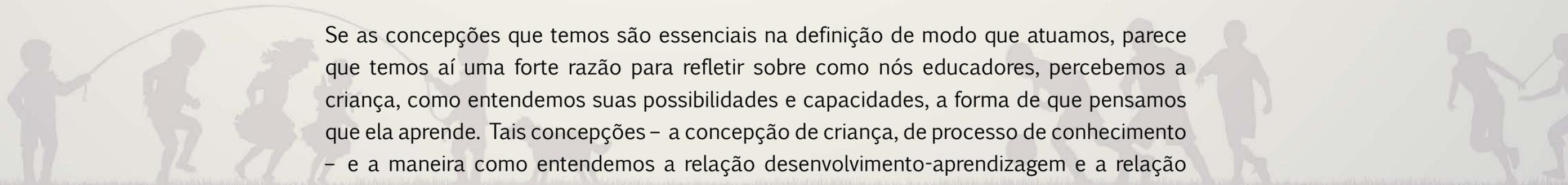
Contudo, para além das orientações legais a efetivação de práticas que incluam o brincar requer que: tanto instituições quanto professores, gestores e outros profissionais que atuam nesses espaços, estejam preparados para oportunizar o brincar. Isso implica em tempo e espaços destinados para o brincar, bem como, a elaboração de um programa e planejamento que contemplem o brincar.

A esse respeito, o Manual de Orientação Pedagógica, Brinquedos e Brincadeiras de creche (BRASIL, 2012) afirma que a brincadeira é um dos principais meios de expressão e também de aprendizagem das crianças, sendo necessário valorizar o brincar, oferecendo brinquedos e espaços que contribuam para a brincadeira acontecer. Esse documento reforça a necessidade de aceitar o brincar como um direito das crianças, compreendendo sua importância e percebendo que os pequenos precisam de carinho e atenção, têm necessidades próprias, saberes e interesses, sendo imprescindível nessa relação o exercício da dimensão brinçalhona da professora. Isso porque, muitas vezes, a pouca qualidade do brincar na educação infantil pode estar associada a uma concepção equivocada que o entende como ação exclusiva da criança, sem a participação do adulto professor.



A participação do profissional da educação infantil é muito importante, pois “Depois que a criança aprende, a criança reproduz ou recria novas brincadeiras e assim vai garantindo a ampliação de suas experiências” (BRASIL, 2012. p. 12). Assim, é ele o adulto, em parceria com as crianças, que organiza o tempo e os espaços para as brincadeiras, bem como os materiais e as possíveis intervenções que serão realizadas.

Se as concepções que temos são essenciais na definição de modo que atuamos, parece que temos aí uma forte razão para refletir sobre como nós educadores, percebemos a criança, como entendemos suas possibilidades e capacidades, a forma de que pensamos que ela aprende. Tais concepções – a concepção de criança, de processo de conhecimento – e a maneira como entendemos a relação desenvolvimento-aprendizagem e a relação



aprendizagem-ensino orientam nossa atitude ao organizar a prática pedagógica que desenvolvemos. Uma análise do que estamos fazendo verdadeiramente pode começar, então por aí: perguntando-nos que conceito de criança tem orientado nossa prática ou orienta as práticas, de modo geral, e como isso tem determinado as práticas da educação da infância (MELLO, 2000, p.84, Apud BARROS, 2009, p. 44).

Desse modo, podemos perceber que a concepção que o professor e a instituição têm sobre o brincar e sobre a infância, afetam diretamente na forma como são pensadas e executadas as atividades para a educação infantil. Nesse processo, torna-se imprescindível que as instituições de educação infantil tenham clareza das crianças que as frequentam, considerando seus interesses e necessidades, incluindo-as como protagonistas nesse processo.

Nas palavras de Borba (2007), a brincadeira é um espaço de construção de cultura pautada nas relações sociais que as crianças estabelecem. No brincar, as crianças participam de experiências sociais, se constituem como sujeitos, organizam com autonomia suas ações, elaboram planos de ação conjuntos e criam regras de convivência social. Assim, a brincadeira é um processo cultural que envolve interação e demanda o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo, ampliando o conhecimento da criança na medida em que ela se expressa, repensa e recria a realidade ao seu redor.

Considerações finais

O brincar constitui-se como uma atividade de grande importância para a socialização dos indivíduos, criando possibilidades para a construção de laços afetivos e como explica Wajskop (1995, p.68), “[...] a brincadeira pode configurar-se como espaço de diagnóstico dos interesses e necessidades infantis e se transformar em espaço de experimentação e estabilização de conhecimentos e afetos”.

Para tal, a brincadeira deve permitir que a criança direcione suas ações no sentido do prazer, possibilitando ao mesmo tempo a ampliação dos conhecimentos e o controle das

emoções: “Nunca o comportamento humano é tão autêntico e genuíno que na brincadeira. A criança brinca para recarregar sua energia, para se preparar para a vida, para dar expansão as suas tendências reprimidas, para afirma-se, para realizar suas aspirações, para aprender a lidar com a realidade” (TELES, 1997, p.49).

Portanto, a brincadeira deve ser valorizada em seu sentido pleno, como mola propulsora do desenvolvimento infantil, e não como uma ferramenta didática para a antecipação da escolarização, pois assim, estamos reduzindo o verdadeiro sentido de brincar.

O brincar na educação infantil é um importante tema para nossas reflexões, devendo nossa atenção também recair sobre a formação inicial e continuada para os profissionais da educação, para que efetivem cotidianamente o direito de brincar das nossas crianças.

Para finalizar, deixamos uma música para que possamos refletir...
Apresentação do grupo Palavra Cantada para promover o movimento
contra o trabalho infantil.

Espero que tenham aproveitado!

Outras sugestões:



Referências

BARROS, F. C.O. M. de. Cadê o brincar? da educação infantil para o ensino fundamental [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 22 de Agosto 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Resolução CNE/CP n. 05 de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859. Acesso em: 07 de abril de 2015.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. Ensino fundamental de nove anos. 2ed. Brasília: 2007.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. 2º edição. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A criança e a cultura lúdica. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v.24, n.2, jul./dez. 1998. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 05 de agosto de 2016.

BUJES, M. I. E. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, M. V. (Org.). Estudos culturais em educação. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000. p.205-228.

KISHIMOTO, T. M. Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 3ºed. Vários autores. São Paulo: Cortez 1999.

KORCZAK, J. Quando eu voltar a ser criança. S. l.: Círculo do Livro, 1981.

MICHAELIS. Dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

TELES, M. L. S. Socorro, é proibido brincar! Petrópolis: Vozes, 1997.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSKOP. G. O brincar na educação infantil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev.1995.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

